

O GÊNERO DISCURSIVO/TEXTUAL SEMINÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Felipe da Silva Mendonça¹

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer²

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar como é a proposta de ensino e aprendizagem do gênero discursivo/textual seminário. Para tanto, analisamos a abordagem realizada pelo livro didático de língua portuguesa. Pautados sobre o aporte teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, conseguimos identificar, conhecer e categorizar as características específicas e relativamente estáveis do seminário para assim avaliar a maneira como o livro didático aborda o referido gênero. Os resultados apontaram para a maneira como o livro trabalha com o seminário, especificando em quais momentos a abordagem é satisfatória e em quais é necessário que o docente complemente com mais informações.

Palavras-chave: Seminário; Livro didático; Gêneros orais; Interacionismo Sociodiscursivo.

THE DISCURSIVE/TEXTUAL GENRE SEMINAR IN THE PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOK

Abstract: This article aims to investigate how the proposal of teaching and learning of the discursive/textual genre seminar. For this, we analyzed the approach taken by the Portuguese language textbook. Based on the theoretical-methodological contribution of Sociodiscursive Interactionism, we were able to identify, know and account for all the specific and relatively stable characteristics of the seminar in order to evaluate the way the textbook addresses the aforementioned genre. The results pointed to the way the book works with the seminar, specifying in which moments the approach is satisfactory and in which it is necessary that the teacher complements with more information.

Keywords: Seminar; Textbook; Oral Genres; Sociodiscursive Interactionism.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: felipesimendonca@gmail.com

² Doutora em Estudos da linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: marilucia@uenp.edu.br

Introdução

O ensino de gêneros orais em sala de aula é tão importante quanto o de gêneros escritos, por meio de todos eles os alunos podem aprender diferentes variantes linguísticas, entre muitas outras práticas discursivas de linguagem. Contudo, o trabalho com os gêneros orais promove uma aproximação do discente com variantes mais formais da modalidade oral, uma vez que, no cotidiano, momento de uso constante e frequente da oralidade, a informalidade é predominante.

Entretanto, ainda que as instruções curriculares para o Ensino Médio presentes nas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) assegurem que a disciplina de Língua Portuguesa deve trabalhar com a oralidade (BRASIL, 2007), durante nossa própria experiência em sala de aula observamos que os gêneros orais são abordados de maneira superficial ou são simplesmente renegados.

Desse modo, com o intuito de investigar como os gêneros orais estão sendo trabalhados em sala de aula, selecionamos o gênero textual seminário, por ser esse um gênero específico da esfera escola/acadêmica (CHAVES, 2008) e por ser frequentemente requerido por professores de Língua Portuguesa e de outras disciplinas, principalmente no ensino superior. Para realizar nossa análise, nos pautamos nos preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e selecionamos o livro didático (LD) *Português: linguagens - 1*, de William Roberto Cereja e de Thereza Cochar Magalhães, o qual é formado por um capítulo que aborda o seminário como objeto de ensino e aprendizagem.

O gênero textual seminário

O seminário, de acordo com Chaves (2008), é um gênero específico da esfera escolar/acadêmica, o que o difere de outros gêneros que se realizam por meio da exposição oral e possuem algumas características semelhantes, como a conferência

científica e o discurso político que são outros gêneros que surgem de outras atividades humanas (BAKHTIN, 2003).

Um dos aspectos que fazem o seminário pertencer à esfera escolar/acadêmica é o fato de que se origina e se desenvolve dentro desse campo de comunicação, obedecendo às leis próprias dessa situação comunicativa e refletindo os *habitus* dos indivíduos que atuam nessa esfera (ROJO; BARBOSA, 2015). Para compreendermos melhor os elementos que compõem as características sociocomunicativas, discursivas e linguísticas do seminário, nos pautamos nos resultados de uma pesquisa que segue os preceitos do ISD, realizada por Mendonça e Striquer (2017). A seguir apresentamos, por meio Tabela 1 que elucida as condições de produção do seminário, uma síntese do constatado por Mendonça e Striquer (2017):

Tabela 1: Os elementos que compõem o contexto de produção do seminário

Parâmetros do mundo físico	
Emissores físicos	Alunos do ensino básico ou mais frequentemente do ensino superior.
Emissor social (papel social do emissor)	Durante o momento de exposição, os emissores assumem o papel social de especialistas no assunto em abordagem (DOLZ et al., 2004 apud ANDRADE, 2010), tendo como finalidade apresentar e promover um debate sobre o conteúdo temático do seminário.
Receptor físico	O professor da disciplina que solicitou a produção do seminário e os demais colegas de sala de aula.
Receptor social (papel social do receptor)	Os alunos assumem o papel social de plateia e de aprendizes do conteúdo em abordagem no seminário; o professor, que continua sendo o responsável pela disciplina e, por isso, tem a responsabilidade de interferir na apresentação do seminário, caso seja necessário, assume um papel de avaliador da apresentação, visto que ele possui autoridade para conferir uma nota ao que foi exposto (CHAVES, 2008).
Lugar físico de produção	A elaboração do seminário pode ser feita em sala de aula, em casa, em outro lugar da escolha do expositor. Já o momento de exposição, ou seja, do seminário propriamente dito, é feito na sala de aula de uma instituição de ensino.
Momento de produção	O seminário é produzido antes (momento de preparação) e durante a aula de alguma disciplina escolar/acadêmica, devendo se enquadrar dentro do período de duração da aula ou do período de tempo estipulado pelo professor.
Objetivo da interação	Os objetivos do seminário são: abordar um novo conteúdo escolar/acadêmico ou se aprofundar em um; ser uma ferramenta de obtenção de nota, por parte do aluno, e de avaliação da

	aprendizagem, por parte do professor (ANDRADE, 2010). Além disso, o seminário se mostra uma metodologia que permite aos alunos internalizarem o conteúdo e a promoção de estudos e debates em grupo (GOULART, 2005).
Conteúdo temático	O tema do seminário está relacionado à disciplina do professor que solicitou a apresentação, isto é, trata-se de um assunto presente no conteúdo programático da disciplina (CHAVES, 2008).

Fonte: o pesquisador

Sobre a arquitetura interna do gênero, Chaves (2008) aponta, ao seguir o modelo de análise de gêneros orais de Dolz (1998/2004), que o seminário é dividido em três momentos: a) etapa pré-expositiva - momento em que os alunos buscam informações, estudam o conteúdo temático, organizam um roteiro da apresentação, isto é, preparam-se para serem especialistas no assunto; b) etapa expositiva - momento em que o seminário se concretiza em sala de aula; c) etapa pós-expositiva - momento em que os alunos interagem com o professor e a plateia.

A etapa expositiva subdivide-se, conforme Chaves (2008), em oito etapas, que apresentamos na Tabela 2. Antes disso, é importante destacar que, pautados em Bakhtin (2003), compreendemos que essas etapas formam a construção composicional do gênero por se tratar da organização estrutural e discursiva do conteúdo temático.

Tabela 2: A construção composicional do seminário

Etapas	Descrição das atividades a se desenvolver
Abertura	Momento em que o professor introduz o aluno (ou grupo) apresentando-o para a sala. Esse momento é onde o emissor ou expositor assume o papel social de especialista no assunto.
Tomada da Palavra	O aluno cumprimenta a plateia, apresentando-se e assumindo seu lugar como expositor.
Introdução ao tema	O expositor informa à plateia qual o tema do seu seminário, justificando sua importância, para assim despertar interesse dos receptores.
Apresentação do plano de exposição	Apresenta o roteiro da apresentação.
Desenvolvimento do tema	O aluno desenvolve o tema seguindo o roteiro.
Recapitulação e Síntese	Relembra a plateia, de maneira concisa, os principais pontos abordados sobre o tema durante a apresentação.

Conclusão	Momento de encerramento da exposição. Apresentam-se as conclusões sobre o assunto, dando o parecer de um especialista no tema ou deixando o assunto em aberto para debater com a plateia e o professor.
Encerramento	Momento de agradecer à plateia, informar o término da apresentação e se colocar à disposição para responder perguntas e sanar dúvidas sobre algum ponto da exposição.

Fonte: o pesquisador

A respeito do tipo de discurso do referido gênero, o qual também compõe os elementos que formam a construção composicional do seminário, Mendonça e Striquer (2017) pontuam que nesse gênero há “um entrelaçamento da predominância do discurso interativo e do discurso teórico” (MENDONÇA; STRIQUER, 2017, p. 730). O discurso interativo estabelece a aproximação entre os envolvidos e o discurso teórico é empregado no momento em que autores são referenciados pelo expositor para definições, explicações e sustentação do trabalho com o assunto. E, na organização sequencial do conteúdo temático do seminário tem predomínio a sequência explicativa, visto que a intenção dos expositores é justamente explicar o conteúdo, as definições teóricas que norteiam o assunto à plateia (MENDONÇA; STRIQUER, 2017).

Conforme Mendonça e Striquer (2017), o estilo que forma o gênero seminário se define na utilização de mecanismos de textualização que auxiliam na coesão e coerência, a saber: a) no emprego de mecanismos temporais e espaciais que organizam o discurso temos, por exemplo, o uso das seguintes expressões: “primeiramente”, “em seguida”, “naquela época”; b) para passar a fala de um integrante para outro, quando o seminário é apresentado por mais de uma pessoa, o uso de expressões como: “o José vai abordar agora a questão do...”, “vamos ver com o José...”; c) para anunciar as definições estabelecidas por um teórico, estudioso no assunto, o uso de expressões: “vou ler para vocês...”, “segundo o autor...”, “por exemplo, na frase de...”; d) na reformulação de algo que já foi dito: “o integrante quis dizer que...”. E, antes e durante o desenvolvimento do tema o uso de verbos no futuro:

“vamos falar”, “vamos abordar”, “vou explicar”; já após uma definição ou explicação o emprego do passado: “como a gente falou”, “como vimos”.

Por fim, Mendonça e Striquer (2017) observam que a voz do autor empírico é predominante no seminário, pois o expositor ao fazer uso das marcas linguísticas em primeira pessoa do singular ou do plural assume a responsabilidade enunciativa. Além disso, a modalização epistêmica é a que prevalece no discurso, pois o expositor, enquanto especialista, trata de um conteúdo verdadeiro, pautado no eixo do conhecimento escolar/científico.

O seminário no livro didático de língua portuguesa

Para examinarmos a abordagem do seminário realizada pelo livro didático, selecionamos o livro *Português: linguagens - 1*, de William Roberto Cereja e de Thereza Cochar Magalhães, destinado aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Para tanto, delimitamos o capítulo 8, denominado “O seminário”.

O Capítulo 8 se divide em duas seções, na primeira, intitulada “Trabalhando o gênero”, os autores apresentam uma breve introdução sobre o que é seminário e de qual campo de comunicação participa (BAKHTIN, 2003); a segunda seção, “Produzindo o seminário”, é dividida em cinco subseções: *Planejamento e preparação de um seminário*; *Como apresentar um seminário*; *Como apresentar um seminário em grupo*; *Propostas para a produção de seminários*; e *Revisão e avaliação dos seminários*. Nessas subseções, os autores abordam como devem ser realizadas as pesquisas, a triagem das informações e a produção do roteiro para a realização do seminário. Apresentam também alguns dos elementos que formam a construção composicional e o estilo do gênero (BAKHTIN, 2003). Além disso, sugerem temas para que os alunos produzam seminários, e, por fim, alguns critérios de avaliação para que os discentes compreendam como o professor avaliará as apresentações.

De forma mais específica, Cereja e Magalhães (2013) iniciam o referido Capítulo 8 com a afirmativa de que “Nos meios escolares, acadêmicos, científicos e

técnicos, são comuns as situações em que uma pessoa ou um grupo de pessoas desenvolvem uma pesquisa e apresentam os resultados a um público” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 287). Desse modo, os autores deixam claro, desde o começo dos trabalhos com o gênero, que o seminário participa da esfera escolar/acadêmica. Além disso, informam que um dos objetivos do seminário é apresentar os resultados de uma pesquisa, por isso, posteriormente completam que o seminário como outros “gêneros que se prestam à transmissão de saberes historicamente construídos pela humanidade, pertence à família dos **gêneros expositivos**” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 287– grifo do LD). Logo, a obra toma como conteúdo de ensino e aprendizagem a esfera da qual participa o gênero, a prática social da qual ele está vinculado e um dos elementos que compõem a construção composicional, a sequencialidade.

Os autores, então, encerram a seção “Trabalhando o gênero” explicando que, enquanto um gênero oral, o seminário só se realiza propriamente no momento de exposição e, por isso, é necessário que os discentes aprendam como produzi-lo. Ou seja, o livro faz uma abertura para a próxima seção que aborda a etapas de elaboração e produção do seminário.

A segunda seção toma a maior parte do capítulo e inicia-se com a subseção *Planejamento e preparação de um seminário*, em que Cereja e Magalhães (2013) apontam que “para a produção de um seminário, é necessária uma organização prévia, que envolve várias etapas. A primeira delas é a pesquisa sobre o tema proposto e a coleta de dados para a exposição” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 287). Vimos nessa instrução uma convergência ao apontado como característica do gênero nos elementos que formam a construção composicional da etapa de pré-exposição, conforme posto por Dolz et al. (2004 apud ANDRADE, 2010). Além de um encaminhamento para que o aluno compreenda a importância da preparação do seminário, nessa etapa que configura a pré-exposição, em que está implícito no livro didático que é assim que o aluno vai construir o papel social de especialista no

conteúdo/assunto a ser trabalhado no seminário, uma vez que as instruções de Cereja e Magalhães (2013) são para:

1. Pesquisar em bibliotecas, na internet e em locadoras quais livros, jornais, revistas especializadas, enciclopédias, vídeos etc. poderão servir de fontes de informação sobre o tema.
2. Tomar notas, resumir ou reproduzir textos verbais e não verbais que possam ser úteis. Esse trabalho tem em vista a produção de um roteiro próprio do apresentador e consiste em anotar dados históricos ou estatísticos, citações comparações, exemplos etc.
3. Selecionar e organizar as informações, tendo em vista os passos da exposição: como introduzir, desenvolver e concluir a exposição [...]
4. Redigir um **roteiro** que permita visualizar não apenas o conjunto das informações que serão apresentadas, mas também a sequência em que isso vai ocorrer. [...] (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 288 – grifo do LD)

Desse modo, os procedimentos sugeridos pelos autores são totalmente vinculados ao que Chaves (2008) define como finalidade da etapa pré-expositiva: possibilitar que o aluno desenvolva competências como a pesquisa e a elaboração de textos. Bem como, ao que Goulart (2005) defende para essa etapa: de ser o momento em que o seminário se mostra uma metodologia que promove estudos em grupo e um espaço para internalizar o conteúdo (GOULART, 2005).

Ao enumerar os passos que os alunos devem seguir para se tornarem especialistas, conforme o trecho supracitado, os autores do LD elucidam de maneira clara um processo a ser seguido que compreende desde a pesquisa inicial e a triagem das informações mais importantes, até a elaboração de um roteiro, o qual é muito importante para a execução do seminário, afinal, sendo um gênero que se concretiza no momento da exposição, o emissor deve estar seguro a respeito do que apresenta e o roteiro o auxilia nesse processo.

Importante destacar uma advertência proposta por Cereja e Magalhães (2013, p. 288): “Atenção: esse roteiro não deve ser lido integralmente durante o seminário”,

uma vez que apenas realizar a leitura do roteiro à plateia promove uma apresentação enfadonha e foge a função social-comunicativa do gênero.

A segunda subseção, *Como apresentar um seminário*, divide-se em três partes que englobam a estrutura do gênero, a maneira como deve se portar o aluno e a linguagem que deve ser utilizada. Os autores abrem a subseção da seguinte forma:

Durante a exposição, podem ocorrer fatos não previstos. Por exemplo, o público pode não compreender bem o conteúdo da exposição; um aparelho audiovisual pode não funcionar; um integrante do grupo pode faltar ou ficar nervoso e esquecer o texto; uma cartolina pode cair da parede; etc. Por isso, é preciso estar atento a vários aspectos simultaneamente e, de acordo com a necessidade, introduzir modificações e improvisar soluções a fim de alcançar o melhor resultado possível.

A seguir, relacionamos alguns dos aspectos que devem ser observados. (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 288)

Assim, como uma forma de auxílio aos imprevistos, Cereja e Magalhães (2013) apresentam na primeira parte, “Sequência e andamento da exposição”, a construção composicional do gênero (BAKHTIN, 2003) que, para eles, é composta por cinco etapas:

1. Abertura: alguém (geralmente o professor) faz uma apresentação inicial breve e dá a palavra ao apresentador. Faz isso com frases como “Vocês agora vão assistir ao seminário preparado por fulano...”.
2. Tomada da palavra e cumprimentos: o apresentador deve, primeiramente, colocar-se à frente da plateia e cumprimentá-la, tomando a palavra.
3. Apresentação do tema: o apresentador diz qual é o tema, fala da importância de abordá-lo nos dias de hoje, esclarece o ponto de vista sob o qual irá abordá-lo e, no caso de se tratar de um tema amplo, delimita-o, isto é, indica qual aspecto dele será focado. Por exemplo, se o tema é a poluição do meio ambiente, a delimitação pode consistir em focar apenas a poluição dos rios. Esse momento do seminário tem em vista despertar na plateia curiosidade sobre o tema.
4. Exposição: o apresentador segue o roteiro traçado, expondo cada uma das partes, sem atropelos. Ao término de cada uma, deve perguntar se alguém quer fazer alguma pergunta ou se pode ir adiante. Na passagem de uma parte para outra, deve dar a entender que não há ruptura, e sim uma ampliação do tema. Para isso, deve fazer uso de certos recursos linguísticos, como *Outro*

aspecto que vamos abordar..., Se há esses aspectos negativos, vamos ver agora aspectos positivos...

5. Conclusão e encerramento: o apresentador retoma os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; se quiser, pode mencionar aspectos do tema que merecem ser aprofundados em outro seminário; pode também deixar uma mensagem final, algo que traduza seu pensamento ou o pensamento do grupo ou de um autor especial. No final, agradece a atenção do público e passa a palavra para a outra pessoa. (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 289 – grifo do LD)

Os autores apresentam uma estrutura do gênero (BAKHTIN, 2003) semelhante ao modelo de Chaves (2008), isto é, as três primeiras etapas elencadas pelo LD seguem a estrutura canônica do seminário, de modo que o aluno é apresentado como um especialista pelo professor, depois o expositor cumprimenta a plateia e expõe o tema em trabalho, tecendo justificativas para despertar o interesse do público. Cereja e Magalhães (2013), no entanto, não elencam a etapa da Apresentação do plano de exposição, momento que o expositor deve apresentar o roteiro da exposição, conforme defende Chaves (2008). O LD também tem uma orientação diferente quando instrui o aluno a abrir espaço para perguntas da plateia durante o desenvolvimento do tema, o que deve ser feito, de acordo com Chaves (2008), apenas no momento da pós-exposição para que assim não se quebre o andamento e organização do roteiro elaborado. Depois, Cereja e Magalhães (2013) condensam as três etapas finais do modelo de Chaves (2008) em apenas uma, assim a etapa de Conclusão e encerramento engloba a recapitulação e síntese dos principais pontos da apresentação; o parecer dos alunos ou de um especialista no assunto - cabe aqui salientar que os autores do LD apenas sugerem o parecer e não o colocam como obrigatório; e finalmente os agradecimentos ao público.

Essa organização não acarreta grandes mudanças na estrutura do gênero, uma vez que o expositor não deixa de apresentar os principais pontos que estruturam a apresentação/o gênero.

Outra característica do gênero levantada por Mendonça e Striquer (2017) que é conteúdo no LD é a especificidade do momento de produção do seminário. Cereja e Magalhães (2013) esclarecem que, a apresentação deve se adaptar ao tempo

previsto, o tempo estipulado pelo professor, de forma que o expositor precisa sempre estar pronto para incluir ou excluir informações, caso seja necessária uma adequação ao tempo de apresentação.

Na segunda parte da subseção, “Postura do apresentador”, os autores do LD enumeram como deve ser a atitude dos alunos no momento da exposição, afinal, na qualidade de um gênero oral, o seminário também é constituído por elementos não-verbais. Assim, Cereja e Magalhães (2013) trabalham a cinésica e a prosódia, ou seja, a instrução é de que o expositor deve se manter em pé durante o seminário; falar sempre de frente para a plateia; não abaixar a cabeça por muito tempo para ler o roteiro - atitudes que fazem parte da cinésica. Além disso, as recomendações são para o aluno também atentar-se para a altura, clareza e entonação da voz (prosódia).

Mesmo que a abordagem do LD a respeito dos elementos não-verbais que constituem o seminário seja breve, conseguem esclarecer como é a postura esperada do aluno durante a apresentação, ainda que não apontado, por exemplo, que o expositor deve se atentar para um movimento excessivo seu ou de um membro do grupo, como o balançar da perna ou o coçar de parte do corpo, visto que isso pode transmitir uma imagem ou sentimento não desejados de insegurança.

A terceira parte, “Linguagem”, inicia-se da seguinte forma: “Nos seminários, predomina uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua, embora possa haver maior ou menor grau de formalismo, dependendo do grau de intimidade entre os interlocutores” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 290), e, após essa explanação, Cereja e Magalhães (2013) listam três tópicos com os quais o expositor deve se preocupar, a saber: evitar certos hábitos da linguagem oral como “né?”, “ahn”, “hum”; explicar o significado de conceitos e terminologias específicas do assunto abordado; e utilizar expressões de reformulação de algo que já foi dito e outras que também possam dar continuidade à apresentação como, por exemplo: “além disso”, “outro aspecto” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 290).

Sobre esses três tópicos, nossa assertiva é a de que embora sejam conteúdos importantes, precisam ser complementados pelo professor, porque outros elementos que caracterizam o estilo do gênero precisam ser abordados, como a organização do discurso com o emprego dos tempos verbais; a utilização de mecanismos que introduzem recursos visuais; a leitura de citações; os mecanismos de organização temporal e espacial do discurso, dentre outros, conforme apresentamos na seção anterior. Além disso, o LD não instrui o aluno na ancoragem ao emprego da voz do autor empírico que assume a responsabilidade enunciativa e no uso de modalizadores epistêmicos (MENDONÇA; STRIQUER, 2017).

Na terceira subseção, *Como apresentar um seminário em grupo*, os autores do LD acentuam que cada integrante do grupo pode ficar responsável pela apresentação de uma das partes do seminário e, para que a apresentação seja mais coesa, abordam mais mecanismos linguísticos que formam o estilo do gênero, os quais ajudam a estabelecer a coesão entre a fala de cada um dos integrantes por meio da ligação entre algo já dito com algo que será dito. Por exemplo, os autores sugerem a seguinte construção: “além das causas que fulano comentou, vejamos agora outras causas menos conhecidas...” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 290). Além disso, salientam que todos os discentes do grupo devem se tornar especialistas para que possam responder as perguntas da plateia – voltando assim, o LD, a tomar o papel social do emissor do gênero como conteúdo de ensino e de aprendizagem. E ainda, a obra destaca que enquanto um integrante do grupo faz a sua exposição, os demais devem ajudá-lo manuseando os materiais e equipamentos que estão em uso para contribuir com a exposição ou simplesmente manter silêncio em vez de conversar com outros integrantes ou com a plateia, o que pode desviar a atenção do conteúdo que está sendo apresentado.

Entendemos que a terceira subseção, portanto, é importante para que os alunos compreendam que os turnos de fala dos integrantes, no caso de um seminário apresentado em grupo, não podem ficar desconexos, e para a compreensão da função sociocomunicativa do gênero: ser uma metodologia que permita aos alunos

internalizarem o conteúdo e a realizarem estudos em grupos (GOULART, 2005), além de fazer com que todos se sintam mais confortáveis para responder possíveis questões da plateia e do professor. Ademais, pelo fato do seminário ser um gênero de concretização efêmera, é preciso que todos prestem atenção no expositor enquanto ele fala, por isso, os encaminhamentos do LD para que os outros integrantes do grupo não desviem a atenção do expositor é significativo, afinal, é neste momento que plateia absorve um novo conteúdo ou se aprofunda em um.

Na quarta subseção, *Propostas para a produção de seminários*, Cereja e Magalhães (2013) sugerem que o aluno apresente um seminário a respeito da área alimentícia. Para isso, disponibilizam alguns textos de apoio com notícias, gráficos, dados e discussões sobre inúmeros aspectos da área. Em relação ao tema, o LD propõe alguns. Contudo, por mais que discutir sobre os benefícios e malefícios da alimentação, sobre a busca por um corpo perfeito ou outra temática seja importante, e que os autores do LD demonstrem que tomando os mesmos textos de apoio como base os alunos podem chegar a diferentes discussões e resultados, entendemos que Cereja e Magalhães (2013) poderiam ter sugerido, para o referido trabalho, um tema relacionado ao conteúdo programático da disciplina de Língua Portuguesa. Evidentemente que o seminário pode ser solicitado pelos professores de qualquer uma das disciplinas escolares, mas sendo o seminário conteúdo de ensino e de aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa dentro do livro didático destinado a essa área, o LD poderia ter aproveitado a oportunidade e colocar em prática o que foi estudado no capítulo. Assim, poderia ter selecionado um assunto que será trabalhado em capítulos futuros do LD e organizar o aluno na elaboração e apresentação de um seminário sobre um conteúdo próprio da disciplina.

Na última subseção, *Revisão e avaliação dos seminários*, o LD por meio de uma tabela, a qual transcrevemos pela Figura 1, especifica em quais critérios o professor deve se pautar para avaliar o seminário. Válido destacar que no Manual do Professor, Cereja e Magalhães (2013) advertem que o docente deve seguir tudo o que está posto na tabela, mas pode atribuir o peso que preferir para cada um dos tópicos.

Ademais, os autores do LD pontuam que seria uma ótima estratégia que o professor gravasse os seminários para depois assistir com os alunos, tal metodologia promove que os discentes observem e avaliem o que precisam melhorar, além do mais tornaria a avaliação do professor mais transparente.

Figura 1: Os critérios para a avaliação do seminário apresentados pelo LD

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO				
Posicionamento do apresentador	Fala e voz	Linguagem	Olhar	Tempo
Verifique se o apresentador: <ul style="list-style-type: none">• falou em pé, com o roteiro nas mãos;• demonstrou domínio do conteúdo;• nunca deu as costas ao público ao usar os recursos audiovisuais;• ficou bem-posicionado e movimentou-se entre o público (se possível).	Verifique se o apresentador: <ul style="list-style-type: none">• falou alto e claro e variou a entonação, evitando monotonia;• explorou pausas e velocidade em determinadas falas para ressaltar pontos importantes.	Verifique se o apresentador: <ul style="list-style-type: none">• utilizou uma variedade de acordo com a norma-padrão, com grau de formalidade adequado ao perfil dos interlocutores;• evitou palavras de baixo calão, gírias e expressões da linguagem oral;• empregou e explicou adequadamente vocábulos e conceitos específicos da área pesquisada;• fez uso de expressões de reformulação, isto é, aquelas que permitem explicar de outra forma uma palavra, um conceito, uma ideia complexa.	Verifique se o apresentador: <ul style="list-style-type: none">• olhou para o público, observando reações positivas e negativas;• olhou para todas as pessoas uniformemente, sem privilegiar um único interlocutor;• usou adequadamente o roteiro, fazendo consultas rápidas, sem interromper o pensamento e sem abaixar o tom da voz.	Verifique se o apresentador: <ul style="list-style-type: none">• controlou e organizou bem o tempo, sendo capaz de ajustar a exposição ao tempo estipulado.

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 295).

Desse modo, os autores apresentam critérios de avaliação que envolvem os conteúdos abordados ao longo de todo o Capítulo 8, fazendo assim uma recapitulação do conteúdo, e, ao destacar os pontos que precisam ser observados,

conferem ao discente a possibilidade de se autoavaliar e avaliar os demais colegas, o que faz com que o aluno tenha uma compreensão geral do referido gênero.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar como é a proposta de ensino e aprendizagem dos gêneros orais em sala de aula, analisamos a abordagem do seminário realizada pelo LD de língua portuguesa. Os resultados apontam que o livro de Cereja e Magalhães (2013) trabalha com o gênero de maneira satisfatória ao compararmos a obra com as características específicas do gênero elencadas pela pesquisa de Mendonça e Striquer (2017).

Assim, ainda que a proposta do Capítulo 8 precise de complementação pelo professor, o livro trabalha com a maioria dos elementos que formam o seminário. Esperamos, pois, por meio dessa pesquisa, auxiliar os professores a trabalhar com o seminário, de forma que eles possam complementar as atividades e conceitos apresentados pelo LD, para que, assim, os discentes tenham uma maior compreensão do gênero e efetivamente no uso.

Referências

ANDRADE, João Paulo dos Santos de. **Os gêneros orais na escola: uma abordagem do seminário nas aulas de língua portuguesa**. 2010. 50 f. Monografia (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Paraíba, Guarapira, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-269.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2007.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 1. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CHAVES, Maria Helena Rodrigues. **O gênero seminário escolar como objeto de ensino: instrumentos didáticos nas formas do trabalho docente**. 2008. 183 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino.** 2005. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MENDONÇA, Felipe da Silva; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingues. **O gênero textual seminário sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo.** In: Congresso Internacional de Ensino, 1, 2017, Cornélio Procópio. Anais do I Congresso Internacional de Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio: Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2017, p. 721-735.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola, 2015.

Recebido novembro de 2018

Aprovado outubro de 2019